

Atingido por um raio



JOS VERSTEEGEN

Michai Verschoor

DE SUA VAN estacionada à beira da floresta na área de recreação De Mosten, junto à fronteira da Bélgica com a Holanda, Maarten van Rijn esquadrinhava ansioso o céu noturno, contando os segundos entre os relâmpagos que via ao longe e os estrondosos trovões que se seguiam. Já passava de meia-noite do dia 23 de agosto de 1994. Ainda não chovia, mas o professor de Educação Física sabia, pela escuridão da noite, que a chuva cairia a qualquer momento. Quatorze, quinze segundos, ele contava. A tempestade ainda estava a cinco quilômetros de distância. Será que ele teria tempo de conduzir seus alunos até um lugar seguro?

Os dois professores, aterrorizados dentro da van, olhavam fixamente para os quatro estudantes deitados imóveis sobre a poça de água barrenta

Van Rijn, 39 anos, trouxera 180 calouros a De Mosten para a tradicional semana de boas-vindas à Faculdade Nacional de Turismo de Breda. Uma caminhada de orientação noturna era incluída no programa todos os anos, a fim de estimular o espírito de equipe. “Vou chamar os garotos para que saiam da floresta”, disse ao colega, o professor de Economia Leo Kempes, 37 anos, sentado a seu lado na van. Kempes acionou a buzina várias vezes, sinal previamente combinado para o término do exercício.

Eram quase 2h30 quando os oito últimos alunos apareceram junto à margem da floresta, completamente en-

charcados pela chuva torrencial que caía naquele momento. Kempes abriu a janela para dar-lhes instruções sobre a caminhada de sete quilômetros de volta a Castelhoeve, acampamento localizado na vila holandesa de Castelré, onde estavam alojados. Havia muitas casas ao longo do caminho onde poderiam encontrar abrigo, caso a tempestade ficasse mais forte.

– Tudo bem, todos estão a salvo agora – disse Kempes a Van Rijn, com evidente expressão de alívio nos olhos azuis.

Van Rijn tentou em vão afastar os maus pensamentos sobre o percurso que os alunos ainda teriam de fazer e murmurou:

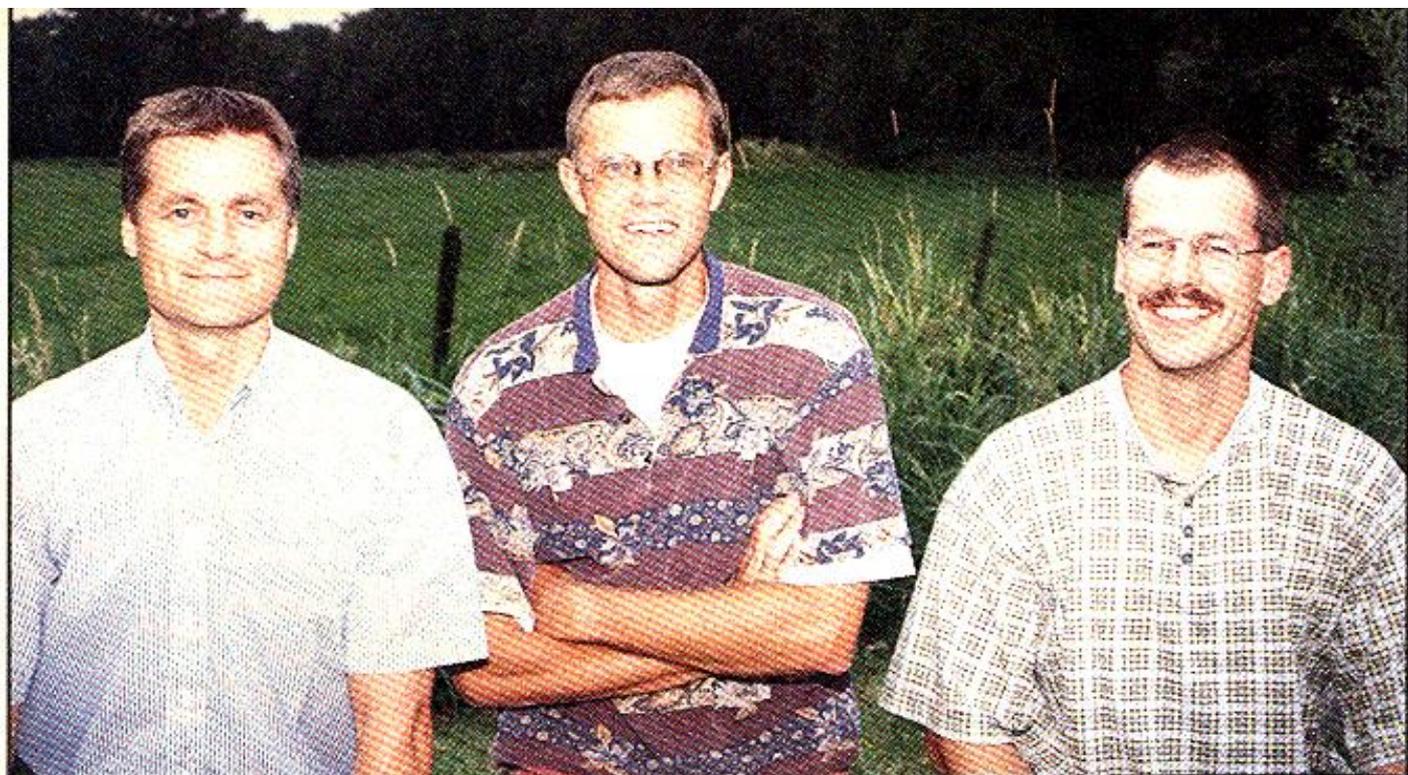
– Não estou tão certo.

Quatro dos rapazes caminharam em direção a um poste de iluminação para estudar melhor o mapa. De repente, toda a área foi

inundada por uma luz deslumbrante e assustadora. Bum!!! – o estrondo do trovão ecoou no ar. Hipnotizados, Van Rijn e Kempes sentiram a van tremer sobre as rodas. Numa fração de segundo, a luz intensa de outro relâmpago iluminou o céu bem à frente deles, cegando-os por um momento. Quase instantaneamente, sob o brilho intenso dos raios, Van Rijn viu os corpos inertes dos garotos sobre uma poça d’água. Dois metros à frente, os outros quatro alunos fugiam.

– Não pode ser! – exclamou Van Rijn, com a voz trêmula.

Os corpos ali deitados estavam imóveis, sem vida. Kempes abriu a por-



Leo Kemps (à esquerda), Maarten van Rijn e Ad Rood

ta e disparou em direção aos garotos caídos.

– Corra até aquela casa do outro lado da estrada e peça ajuda por telefone! – gritou para um dos quatro que escaparam da descarga elétrica. – Precisamos de ambulância imediatamente!

Virando um dos garotos, que estava de bruços, apalpou-lhe a carótida. *Ainda está vivo*, pensou Kemps. Inclinando a cabeça do garoto para trás, colocou a boca sobre seus lábios e soprou com força através da garganta. “Vamos lá, cara”, sussurrava entre um sopro e outro. “Você vai conseguir!” Com o canto do olho, viu duas das outras vítimas se levantarem com dificuldade.

Van Rijn, seguindo o exemplo de Kemps, olhara instintivamente para o garoto alto e magro – Michai Verschoor – do qual qualquer sinal de vida parecia ter se evadido. Colocando os fortes braços ao redor do tórax imóvel, puxou o corpo amolecido de encontro ao seu. *Isso é horrível*, pensou quando viu o frágil rosto pálido. Os cabelos lou-

ros, lisos e molhados estavam colados à cabeça do menino, os olhos fechados e o rosto, todo sujo de lama. O sangue que escorria de um ferimento no queixo se misturava à água da chuva. Não havia pulso. Van Rijn massageou-lhe o coração e, como num transe, fez respiração boca a boca em Michai. Mas aquela parecia ser causa perdida.

Vinte e um, vinte e dois, vinte e três, Van Rijn contava os segundos antes que o próprio hálito escapasse pela traquéia do garoto com um ruído abafado.

– Este aqui está respondendo! – gritou Kemps, de súbito.

Mas este aqui não está, pensou Van Rijn, desesperado. *Se Deus quer salvar Michai, tem de ajudá-lo agora*. Ouviu o ruído do ar que soprara saindo do corpo da vítima mais uma vez. *Quanto tempo pode o cérebro sobreviver sem oxigênio?*, Van Rijn perguntou a si mesmo. Ele sabia que em quatro a seis minutos o cérebro privado de oxigênio começa a sofrer lesões permanentes. Depois de dez minutos – ocorre a morte.

QUANDO AD ROOD, subcomandante do Corpo de Bombeiros e administrador do acampamento de Castelhoeve, chegou às duas horas da manhã, suspirou aliviado. Depois de longa reunião, dirigira por intermináveis quilômetros, sob o mau tempo imprevisível, com extrema concentração. Estava prestes a sair do carro quando um professor da faculdade o deteve.

– Você poderia dirigir até De Mosten? – perguntou o homem, muito nervoso. – Van Rijn e Kempes ainda estão lá na floresta, com o grupo de calouros.

Rood, 36 anos, com experiência de bombeiro voluntário, sabia muito bem quão traiçoeiras podem ser as tempestades e já estava com o pé no acelerador do carro.

No caminho, viu grupos de jovens correndo de uma casa para outra na direção do acampamento. *A situação não está tão ruim, já estão quase em casa*, pensou. No entanto, logo em seguida os faróis de seu carro iluminaram o local do desastre. Kempes colocava um garoto dentro da *van* com a ajuda de dois outros. Rood saiu correndo do carro.

– O que está acontecendo? – gritou.

Após rápidas palavras de Kempes, já sabia o suficiente. Ajoelhou-se na lama ao lado de Van Rijn.

– Isso é inútil! – exclamou Van Rijn ofegante, com o olhar apavorado.

Seus cabelos claros estavam completamente emaranhados sobre a testa e o casaco pingava água da chuva. Rood manteve a calma e falou, tentando encorajá-lo.

– Não desista, continue, vá em frente!

Decidido, segurou o braço desmaiado de Michai e verificou o pulso. Nada. *Tenho de fazer seu coração funcionar*, pensou com calma. *Tenho de massagear seu coração*. Seguiu com os dedos a borda das costelas do menino até o centro do peito e colocou um dedo sobre o esterno. Posicionou a palma da mão esquerda no local e colocou a mão direita por cima da outra. Esperou Van Rijn soprar dentro dos pulmões da vítima – ar que ainda continha 16% de oxigênio, apenas 4% a menos do que o ar que inalamos normalmente – e então pressionou o esterno com força. Isso ajudaria o coração de Michai a retomar a função normal: bombear o sangue rico em oxigênio por todo o corpo.

Van Rijn e Rood, trabalhando febrilmente, logo estabeleceram ritmo constante. Depois de aproximadamente seis minutos, trocaram de posição. O coração de Michai não respondia de forma espontânea.

– É inútil! – exclamou Van Rijn, por fim. – Já demorou demais!

Entretanto, Rood aprendera como bombeiro que aqueles que prestam socorro não têm direito de decidir sobre a vida ou a morte. Só quando um médico confirmasse a morte, o destino de Michai estaria irrevogavelmente decidido.

A energia de ambos já estava chegando ao limite quando, de repente, Van Rijn sentiu um batimento cardíaco. Forte comoção o dominou.

– Ele está vivo! – disse emocionado para Rood.

– Ótimo – respondeu Rood, secamente. – Continue verificando o pulso. Depois, poderemos colocá-lo na *van*.

Sentou-se bem ereto e gritou para Kemp:

– Leo, traga a *van* para cá!

Van Rijn, Rood e Kemp colocaram o lânguido corpo de Michai dentro da *van*. Deitaram-no com cuidado no assoalho perto da outra vítima, Paul Kennes, 18 anos, que havia recobrado a consciência mas ainda estava tonto. A chuva caía sem parar no teto do carro, os relâmpagos continuavam iluminando a noite escura e Michai ainda não respirava sem ajuda. Os homens tentavam decidir o que fazer. Não sabiam em quanto tempo a ambulância chegaria.

– Vamos levá-lo ao hospital em Turnhout, propôs Rood. – Conheço o caminho.

Van Rijn iniciou a viagem de 25 quilômetros dirigindo lentamente. As fendas entre as placas de concreto do pavimento da estrada faziam a *van* trepidar tanto que era difícil para Rood continuar com os procedimentos de reanimação, forçando Rijn a dirigir bem devagar.

– Pare! – ecoou a voz de Rood depois de algumas centenas de metros. – Não consigo mais sentir o pulso! Nós o perdemos!

Ele pressionava o peito de Michai com tanta força que seus óculos ficaram embaçados com o vapor do suor.

Van Rijn parou o carro para ajudar Rood, e Kemp – que os seguira no carro de Rood – assumiu o volante. Rood, ainda fazendo respiração boca a boca em Michai, verificou o pulso do garoto e ordenou logo em seguida:

– Vá em frente! Dirija!

A cada cem metros, ouvia-se o mes-

mo grito aflito. Depois da sexta vez, Kemp se perguntou: *Como poderemos chegar ao hospital deste jeito? A vida deste garoto está por um fio.*

Apesar do trabalho incessante dos limpadores de pára-brisa a fim de garantir a visão do motorista, Kemp só conseguia ver poucos metros à frente. *Estou começando a ter alucinações*, pensou, quando viu uma luz azul piscando ao longe.

– A ambulância! – gritou para Van Rijn e Rood.

Girando o volante, bloqueou a estrada. A seguir, acionou o pisca-alerta e fez sinais com o farol alto.

Van Rijn chorou, aliviado, quando a porta traseira da *van* se abriu e dois homens de roupa branca entraram. Pela primeira vez na vida, aquele homem alto ficou feliz em ser dispensado. Rood também não resistiu a delegar sua tarefa aos especialistas. Como se estivessem drogados, assistiram às rápidas e eficientes ações da equipe da ambulância em meio à chuva. *Agora você está em boas mãos, garoto*, pensou Rood, enquanto limpava os óculos. *É bem provável que consiga sobreviver.*

Por volta das três e meia da manhã, Michai Verschoor foi finalmente colocado na ambulância. Por medida de segurança, Kemp e Rood foram no carro com Paul Kennes – seu rosto agora tinha cores saudáveis – para o hospital em Turnhout. Van Rijn acompanhou Michai na ambulância até o hospital de Malle. Ele estremeceu quando viu a criatura estranha em que o garoto se transformara. Nas partes em que o corpo magro não estava co-

berto de papel-alumínio, havia conexões com uma série de equipamentos, através de tubos e fios. O rosto estava escondido por grotesca máscara de oxigênio. Van Rijn ficou arrepiado sob as roupas molhadas. *Eu nem mesmo o conhecia*, pensou quando chegaram ao hospital, *e agora é como se meu próprio filho estivesse ali deitado*. Enquanto Michai era levado inconsciente à unidade de tratamento intensivo, Van Rijn observava a distância e, em pensamento, falou: *Agüente firme, garoto. Você não pode desistir agora*.

O MÉDICO QUE examinou Michai no hospital constatou que ele fora atingido na cabeça por um raio. A descarga elétrica percorrera o pescoço, o ombro esquerdo e o abdome até a perna esquerda, paralisando o coração e causando edema no cérebro. O menino foi mantido sob sedação durante cinco dias. Depois foi sendo acordado gradualmente. Van Rijn o visitou no hospital durante as dez semanas de internação e durante o período de recuperação subsequente, por mais cinco meses. Movido por incrível força de vontade e energia, Michai reaprendeu a escrever e andar. Em setembro de 1995, retomou os es-

tudos e atualmente está se preparando para ser contador.

Segundo o professor Henk Jan ten Duis, traumatologista e especialista em vítimas de raios do Hospital Universitário de Groningen, não há dúvida de que Van Rijn e Rood, com sua tenacidade, salvaram a vida de Michai Verschoor. “Cerca de 70% das pessoas atingidas por raios conseguem sobreviver”, afirma, “desde que os procedimentos de reanimação sejam realizados com eficácia. Nesse caso, foram aplicados desde o início com competência profissional.”

Michai, que não se lembra de nada sobre o acidente, nem sobre o período que se seguiu, conta que recobrou os sentidos por um momento, logo depois de ser atingido pelo raio. “Ouvi suspiros muito fortes”, revela. Na verdade, percebe agora que o ruído era a respiração boca a boca com que Van Rijn salvou sua vida.

– Se Van Rijn e Rood não tivessem lutado tão bravamente por mim, eu não estaria aqui hoje – conclui, agradecido. – Eles me trouxeram de volta da beira da morte.

– Em momento algum, naquela noite trágica, ousei esperar por recuperação tão boa – disse Van Rijn, orgulhoso. – Michai é um verdadeiro guerreiro.

Proposta indecente

ESTÁVAMOS NUMA BUTIQUE fazendo compras e minha irmã pegou uma camisola minúscula. Sem sequer olhar para ver se eu estava a seu lado, perguntou:

– Isto aqui não é o máximo para uma noite a dois?

Como não obtinha resposta, virou-se e se deparou com um homem aflitíssimo, gaguejando para a mulher:

– Juro que não conheço essa moça!